

FUTEBOL BRASILEIRO: UM ENSAIO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO¹.

Eduardo Neves P. de Cillo

Futebol Brasileiro: uma breve descrição de (meta)contingências

Em artigos produzidos dentro dos parâmetros da literatura em análise do comportamento é bastante comum vermos a apresentação de gráficos e conjuntos de dados que permitam visualizar os resultados de manipulações experimentais ou, no mínimo, descrever relações já existentes entre as variáveis analisadas. Não é o caso do presente texto. Não serão apresentadas estatísticas, gráficos de linha de base múltipla ou outros resultados de manipulação experimental a respeito de variáveis do contexto futebolístico. Serão apresentados, de forma simples, dados históricos, fatos públicos de fácil observação e conjecturas a respeito das contingências que envolvem jogadores, dirigentes, profissionais da área e torcedores.

“Futebol é coisa de brasileiro!?”

Agora é, mas não era... Quem trouxe o futebol para o Brasil foi um brasileiro, filho de ingleses: Charles W. Miller. Na verdade Miller trouxe uma bola e tratou de difundir a prática da modalidade junto aos ingleses residentes em São Paulo, que até então estavam mais entusiasmados com o *cricket* (Caldas, 1994).

Rapidamente a prática do futebol foi sendo difundida, primeiro entre os altos funcionários de empresas como a Companhia de Gás, o Banco de Londres e a São Paulo

▪ ¹ Originalmente publicado em Hérika Sadi e Nely Castro (orgs.) *Ciência do Comportamento: conhecer e avançar*, volume 3, Esetec, Santo André/SP, 2003, 137-146.

Railway. E, posteriormente, entre os alunos de colégios de elite, com fins de recreação. Interessante notar que o futebol estava caracterizado como um esporte elitizado, fato este que segundo Caldas (1994) servia para que pais e alunos exercessem pressão sobre a administração dos colégios para a adoção da prática. Gerava *status*.

Vale notar que, ainda segundo o mesmo autor, os aristocratas paulistas do café formaram o que seria o primeiro time organizado do Brasil, registrado oficialmente pela CBF (Confederação brasileira de Futebol): a Associação Atlética Ponte Preta.

Outra organização que merece destaque é o *The Bangu Athletic Club*, fundado por altos funcionários da Cia. Progresso na periferia do Rio de Janeiro. Como o número de funcionários do alto escalão da empresa interessados no futebol não era suficiente para completar duas equipes foi necessário aceitar operários. Neste caso alguns critérios deveriam ser obedecidos como desempenho profissional, “tempo de casa”, e o relacionamento com os outros “jogadores”. Segundo Caldas (1994) ser um “operário-jogador” tornou-se uma função de *status*, conseqüenciada por alguns benefícios como diminuição da jornada de trabalho, promoções mais rápidas no trabalho,... Para Damatta (1994) a prática da modalidade foi difundida em diversas outras empresas e exercia, também, a função de “disciplinar os corpos e aplainar os corações, fazendo-os obedientes às suas regras” (p.11). Desta afirmação pode-se supor que os privilégios dados aos “operários-jogadores” tornaram-se objeto de interesse de diversos funcionários que viam na prática do futebol uma possível melhoria ou suavização de suas condições de trabalho e, por que não dizer, de vida.

Ainda em relação ao *The Bangu Athletic Club*, Caldas (1994) afirma que em pouco tempo o futebol tornara-se bastante popular, e o desempenho da equipe servia como eficiente veículo de divulgação para a Cia. Progresso. Assim, “os executivos ingleses começavam a ceder seu lugar no time para o operário mais habilidoso com a bola.” (p. 44)

Interessante que apesar de popular o futebol ainda era praticado, nos clubes cariocas, basicamente pela elite. A aceitação de negros ainda era exclusividade do Bangu.

Mas não demorou muito para que a “hegemonia branca” fosse quebrada. Nesse ponto da história, no início dos anos 30, havia um semi-profissionalismo da modalidade. A função de jogador não era reconhecida como uma profissão. Os jogadores recebiam salários irrisórios, diga-se de passagem, e seus direitos eram mínimos. Desde aquela época já

começava a se configurar a “terra sem lei” que até os dias de hoje caracterizam o futebol. Os clubes começavam a ganhar dinheiro com a arrecadação das partidas, porém não admitiam repassar parte dos ganhos para os jogadores. O resultado era óbvio: o êxodo de jogadores brasileiros para o exterior ganhou um grande impulso, já desde a década de 30. A profissionalização do futebol só veio a acontecer em 1933, por meio da Legislação Social e Trabalhista de Getúlio Vargas.

De lá pra cá muita coisa aconteceu mas nem tudo mudou. Muitos foram os personagens que movimentaram o cenário do futebol brasileiro, tanto no sentido de transformar quanto de manter as contingências. Porém muito do que acontece hoje não parece muito diferente do que o que ocorreu no início da história do futebol brasileiro.

O contexto atual ou “somos todos pentacampeões”

Os jogadores, em sua grande maioria, continuam ganhando muito pouco e ainda estão a mercê de dirigentes e procuradores que inescrupulosamente tratam-nos como mercadoria. Segundo o ex-jogador Sócrates, citado por Caldas (1994), mais de 60 % dos jogadores brasileiros ganham menos que 1 salário mínimo. Este dado é bastante contrastante com a imagem que muitos de nós temos acerca do jogador de futebol com seu carro de luxo vermelho, o apartamento de frente para a praia e toda uma vida de *glamour*. Interessante que são muito poucos os que chegam nos níveis salariais de centenas de milhares de reais por mês. Mesmo nos grandes clubes não são todos os jogadores que ganham muito dinheiro. É bastante comum ter no mesmo grupo um jogador que ganha uma fábula jogando ao lado de alguém que não recebe um salário com mais de três dígitos.

Mas talvez seja por esse fator e pela exploração incansável dos meios de comunicação sobre o futebol que o mesmo tenha se tornado sinônimo de ascensão social para muitos jovens brasileiros. Desde cedo estas crianças e adolescentes iniciam sua peregrinação pelo mundo do futebol, indo parar em uma das muitas concentrações mantidas pelos clubes para os jogadores iniciantes. A realidade das categorias de base de uma boa parte destes clubes é desumana. Basta dizer que a preocupação dos coordenadores destas “repúblicas” ficam restritas apenas ao aprendizado de repertórios técnicos e táticos.

Pouquíssima atenção é dada ao aprendizado escolar formal e à vida social. Afinal para que gastar tempo e dinheiro com isso? Jogador não precisa pensar, apenas jogar...

Posteriormente, quando um destes meninos se torna um jogador prestigiado e bem remunerado não é incomum que ele não consiga perceber que as pessoas nas ruas e nos outros carros não são apenas meros obstáculos a serem ultrapassados ou atropelados pela sua caminhonete importada. Um verdadeiro “matador”...

Pense em três grandes jogadores que você viu ou ouviu falar de suas proezas no passado. Pelo menos um deste três morreu ou está miserável. Isto porque as pessoas que estavam ao seu lado quando ele fazia muito sucesso e gerava muito lucro deram-lhe as costas ao menor sinal de queda rendimento.

Interessante notar que para algumas pessoas não interessa mudar as condições gerais da forma como o futebol funciona. Manter as categorias de base como celeiros de jogadores extremamente habilidosos com a bola nos pés porém pouco críticos, pagar grandes salários para alguns poucos e descartá-los assim que os lucros começarem a diminuir são sinais de que pouco mudou desde a época dos operários-jogadores, no início do século XX. O controle do futebol continua nas mãos de poucos que fazem uso de suas posições de poder em benefício próprio. A estes não interessa uma categoria profissional de jogadores bem organizados e politicamente posicionados. Ainda segundo Caldas (1994), o sindicato dos jogadores na Argentina possui um importante papel social. Utilizando-se do grande prestígio que o futebol possui no país, assim como no Brasil, o sindicato argentino posiciona-se frente a questões de relevância social apoiando ou repudiando fatos públicos. Além disso, se estiverem sentindo que seus direitos estão sendo feridos em algum momento paralisam os campeonatos, independente do prejuízo que isto possa trazer aos clubes ou aos canais de televisão. Por aqui manter as coisas como estão continua gerando muitos lucros aos cartolas, diretores dos canais de comunicação em massa e governantes.

Obviamente que não apenas os jogadores são usados pelos cartolas (dos clubes ou não). Nós, torcedores ou meros telespectadores também somos. Dizer que “o futebol é o ópio do povo” é ficar na metade do caminho. Ele pode ser um instrumento de desvio da atenção da população em geral das grandes questões sociais para o espetáculo dependendo da forma como é utilizado. Em um país de dimensões continentais como o Brasil, de tanta variedade étnica e de relativamente pouca história o futebol se tornou uma das poucas

manifestações culturais que são uma unanimidade ou quase. As rivalidades regionalistas entre os estados, as diferenças entre grupos religiosos e outras acabam diluídas, mesmo que temporariamente, em época de copa do mundo. O “pra frente Brasil” acaba contagiando uma parcela enorme da população. Basta ver o que aconteceu durante a copa do mundo de 2002, ocorrida na Coreia e no Japão. A rotina de grande parte dos brasileiros foi bastante alterada em função dos jogos da seleção e dos horários em que ocorreram. Meios de comunicação exibiam reportagens com especialistas em sono mostrando como alterar sua rotina para poder acompanhar os jogos durante a madrugada. O técnico da seleção, Luis Felipe Scolari, exibiu vídeos da população nas ruas para motivar os jogadores. Em outras copas, nas quais o fuso horário não obrigam a população a alterar tanto suas rotinas outras mudanças costumam ocorrer quase que automaticamente: o comércio fecha mais cedo, as faculdades cancelam as aulas, as empresas alteram a jornada de trabalho,...o Brasil acaba entrando em ritmo de feriadão super prolongado.

Como ignorar um fator que mexe tanto com o país? Como negar a sua importância? Não se trata de concordar ou não com a mobilização nacional e, sim, de perceber que outros já viram aí um importante fator de valor comercial e de controle de massas. Podemos falar que se trata de uma metacontingência, ou seja, contingências comportamentais interligadas, onde cada comportamento operante está sob controle de uma respectiva consequência mais imediata ao mesmo tempo em que são afetados também por uma consequência a longo prazo comum a todos os operantes envolvidos (Todorov, 1987). Imaginemos, então, o comportamento do torcedor que vai ao estádio ver o seu time jogar, o do telespectador que liga a televisão para fazer o mesmo, outro que acompanha o jogo através do rádio, mais um que não está com a atenção voltada para o jogo em tempo real mas que procura assim que pode saber o resultado do jogo, outro mais que compra a camisa oficial do time mesmo que vá se endividar, um que paga o *pay-per-view* do Campeonato Brasileiro mesmo não tendo tempo para assistir os jogos, aquele que faz piada, brinca e irrita os torcedores adversários quando seu time ganha mas finge que não está nem aí para o futebol quando perde e outros tantos exemplos. Todos de um modo ou de outro emitem operantes que de algum modo estão relacionados aos acontecimentos do jogo em questão. Por meio de um esquema intermitente de reforçamento (nenhum time ganha todos os jogos que disputa) os operantes citados anteriormente mantem-se sob controle dos resultados da equipe.

Todorov (1987), baseado na proposta de Sigrid Glenn, cita ainda dois tipos de metacontingência: tecnológica e cerimonial. A metacontingência tecnológica envolve comportamentos mantidos por conseqüências não arbitrárias, ou seja, a conseqüência é útil para cada uma das pessoas envolvidas no processo, sejam estas as que se comportam ou não. Em outras palavras este tipo de metacontingência envolvem comportamentos que estão sob controle de conseqüências importantes para a espécie ou, pelo menos para um grupo. O outro tipo de metacontingência, cerimonial, envolve o controle do comportamento de diversas pessoas com a produção de uma conseqüência favorável ao agente que a manipula. Neste sentido nem sempre as conseqüências irão beneficiar os outros indivíduos que estão sob seu controle. Pensando em exemplos dos dois tipos de metacontingência no futebol podemos pensar que a chamada tecnológica pode ser encarada como o controle do comportamento de milhões de brasileiros que avidamente torcem por seus respectivos times e tam,bem pela seleção brasileira. Porque isto seria importante para o Brasil? Pelo fato de que assim aumentamos as chances de formar um conjunto de pessoas interligadas e unidas pelo menos em um ponto, pressupondo que essa homogeneidade é importante para o progresso de uma nação. Por outro lado a metacontingência cerimonial é posta em prática quando a CBF e os meios de comunicação exacerbam o valor do futebol e da seleção brasileira procurando com isso aumentar as vendas dos produtos dos patrocinadores do futebol e com isso engordar a conta corrente dos demais envolvidos. É o futebol como mercadoria. Também é um bom exemplo o tão falado uso do futebol como instrumento de desvio da atenção pública de assuntos sociais importantes.

Talvez seja por fatores como estes que a conquista brasileira da última copa tenha tido tanta repercussão. Eu, você e todos nós podemos olhar para as cinco estrelas na camisa amarela e dizer com orgulho: “Sou pentacampeão!” E daí? O que isso muda na vida da maioria esmagadora da população? Os jogadores da seleção, a comissão técnica, os dirigentes, os patrocinadores e os meios de comunicação lucraram com essa conquista. Nós continuamos convivendo de perto com problemas sociais como a miséria, o analfabetismo, a economia estagnada, o desemprego, os baixos salários, a violência, e tantos outros. Para que fique bem claro: não é o futebol o problema e sim a boca desdentada e com fome que grita – “Sou pentacampeão!”

Algumas contradições do futebol como modalidade esportiva ou “por dentro do mundo do futebol”

Nada mais ambíguo do que o dia a dia de um bom número de clubes do nosso futebol. Em uma visão romântica podemos pensar que a fonte de controle principal dos comportamentos dos envolvidos é a vitória, é o título de campeão. Engana-se quem pensa que é só isso. É verdade que todos pensam nos títulos como objetivos, porém nem sempre o caminho é reto e uniforme e, muitas vezes, o título não importa mais e sim algumas conseqüências mais imediatas, ou mesmo atrasadas que venham associadas às vitórias.

Imagine um ambiente extremamente volátil, submetido a intensas e constantes pressões. Multiplique por 2 e terá algo parecido com o ambiente de um clube de futebol. Obviamente esta é uma figura de linguagem para ilustrar o cotidiano no qual estão envolvidos jogadores, comissão técnica, todo o pessoal do apoio, dirigentes, advogados, representantes de atletas e patrocinadores, jornalistas e alguns torcedores profissionais. Os jogadores, responsáveis diretos pelos resultados dentro de campo são os que estão submetidos às mais fortes pressões. Comissão técnica, principalmente o treinador, também estão no “olho do furacão”. Dirigentes e o pessoal do apoio também sentem os efeitos do que geralmente são sinalizações de punição, avisos para que se comportem sob reforçamento negativo, evitando conseqüências desastrosas como a perda do emprego (algo fácil de acontecer no ambiente do futebol). De uma certa forma os jornalistas também estão envolvidos já que normalmente são designados pelos seus respectivos meios de comunicação para acompanhar aquele determinado clube e com o passar do tempo chegam a tomar parte do cotidiano. Os torcedores profissionais (sem aspas mesmo) também são afetados por toda a conjuntura do clube. Não exatamente porque fiquem tristes ou felizes de acordo com o desempenho da equipe mas sim, porque dependendo do que está ocorrendo no clube, eles poderão ou não ter acesso a certos privilégios concedidos aos chefes de torcidas organizadas como passagens e outros benefícios.

Percebe-se que este conjunto de pessoas ocupando seus respectivos papéis forma um grupo que é afetado pelas conseqüências associadas aos resultados da equipe no campo e suas repercussões. Dependendo da situação do time em um determinado campeonato uma

vitória pode trazer paz e tranquilidade a todos, como se tudo que estivesse sendo feito (por todos os envolvidos) tenha sido adequado no sentido de produzir as conseqüências desejadas. Por outro lado, uma derrota para uma equipe que já está em situação ruim no campeonato pode ocasionar a “degola” de uma ou mais cabeças (mesmo que a equipe tenha jogado melhor do que o habitual, o que poderia ser um sinal de melhora progressiva). Neste sentido, é importante reconhecer que é bastante difícil conseguir produzir uma contingência de continuidade de trabalho, principalmente para objetivos a longo prazo. Portanto, a situação do futebol tal como foi descrita, está fortemente influenciada por uma situação maior, característica da cultura brasileira e da nossa ordem social. É a cultura do imediatismo. Há uma certa lógica nisso. O empresário patrocina uma equipe porque ela está em evidência, o que é adequado para a exposição constante de sua marca ou então, porque a equipe está tão desvalorizada (no sentido do capital financeiro) que se tornou um investimento barato. Com algumas alterações no elenco e na direção a equipe pode voltar a disputar campeonatos com êxito e assim sua marca estará em evidência com um investimento relativamente barato (principalmente se comparado ao custo do espaço publicitário nas camisas ou placas dos grandes e populares clubes). Trata-se de um bom negócio em potencial. Normalmente aceitaríamos com naturalidade que, caso o empresário não tenha um rápido retorno do seu investimento, o acordo de patrocínio deixasse de existir.

Em uma perspectiva de observação diferente imaginamos o cotidiano do clube sob as conseqüências das vitórias e derrotas. O trabalho dos jogadores, do treinador, da comissão técnica e da direção é valorizado ou colocado em questão dependendo justamente dos resultados. Dependendo da situação, espera-se um verdadeiro “milagre” destes profissionais. Ou seja, tudo que não foi feito durante todas as rodadas do campeonato ocorra em um ou dois jogos. Nestes momentos é comum que se troque de treinador, reformule-se a equipe ou, algo que está na moda, contrate-se um psicólogo às pressas para elevar o moral de pessoas que ele mal conhece. Boa sorte! Vão precisar. Tanto o treinador, como o psicólogo ou qualquer outro profissional precisa de tempo para perceber os padrões comportamentais da equipe assim como identificar as peculiaridades das contingências de trabalho no clube em questão e, aí sim, propor alternativas para a situação e avaliar os resultados de suas intervenções. Claro que não se espera todo o tempo do mundo, mas não

se pode aceitar e prometer resultados para dali a dois ou três dias. Um bom exemplo refere-se à equipe profissional do Cruzeiro Esporte Clube, de Belo Horizonte, que disputou parte da temporada de 2002 e a de 2003. Sob o comando do técnico Vanderlei Luxemburgo a equipe tem obtido bons resultados, conquistando a Copa do Brasil de 2003 e sendo uma séria candidata ao título do Campeonato Brasileiro do mesmo ano. A equipe tem sido muito “badalada” por admiradores do futebol e principalmente pelos meios de comunicação mas, o que pouca gente lembra é que quando este treinador assumiu o seu cargo na equipe (no meio do ano de 2002), durante cerca de 2 meses ou aproximadamente 10 jogos o desempenho da mesma pode ser considerado “sofrível”. A equipe nem mesmo conseguiu se classificar para as finais do Campeonato Brasileiro de 2002. Assim mesmo, o treinador e boa parte do grupo foram mantidos e os resultados do trabalho a médio prazo somente agora são visíveis. Outro exemplo é a equipe do Santos (Campeão Brasileiro de 2002 e Vice-campeão da Taça Libertadores da América de 2003), do técnico Leão e dos recém-descobertos Diego e Robinho. Mais exemplos recentes: o São Paulo de Telê Santana, Raí, Muller, Silas,...(Bi-campeão Mundial em 1992 e 1993); o Palmeiras de Evair, Zinho, Edmundo (Bi-campeão Brasileiro em 1993 e 1994); o Corinthians de Marcelinho, Ricardinho, Rincón, Edílson,...(Bi-campeão Brasileiro em 1998 e 1999 e Campeão Mundial pelo Torneio da FIFA em 2000). Coincidentemente ou não, o treinador do Palmeiras e do Corinthians (somente em 1998) era Vanderlei Luxemburgo (posteriormente Osvaldo de Oliveira assumiu o comando da equipe). Uma outra coincidência (ou não): em todos os exemplos citados os resultados dentro de campo não foram alcançados imediatamente. Pelo contrário, de início muitas foram as vozes contrárias aos trabalhos desenvolvidos, caladas pelos resultados obtidos a médio e longo prazo.

Os exemplos mencionados acima são exceções se comparados à realidade da maioria dos clubes brasileiros. O “troca-troca” de jogadores e profissionais é constante. Aproximando-se dos jogadores percebe-se que há uma grande competitividade entre os membros de uma mesma “equipe”. Há disputas salariais, disputas pelas posições de titulares (muitas vezes incentivadas pela própria comissão técnica e diretoria), dentre outras. Curioso que as contingências que controlam os jogadores nos treinos são bastante diferentes daquelas presentes durante os jogos, o que dificulta muito a generalização dos repertórios de treino para os jogos. Não somente a torcida e o time adversário são

“novidades” em relação aos treinos. Nos treinos o adversário é o próprio companheiro de equipe, enquanto que nos jogos, o adversário de treino precisa transformar-se em um companheiro de equipe que coopere para a superação da equipe contrária. Trata-se de uma mudança radical. O trabalho com os jogadores tem de ser muito bem conduzido para que estes possam generalizar repertórios técnicos e táticos ao mesmo tempo em que discriminam o momento de lutar contra ou cooperar com os outros membros de seu grupo.

Sabe-se que a cooperação é um fator determinante para o desempenho da equipe na hora do jogo. É preciso que os jogadores emitam comportamentos de modo sincronizado para que se possa superar a defesa adversária ou impedir a progressão do meio de campo e ataque do adversário. Neste sentido espera-se que os jogadores sejam capazes de comportamentos que podemos chamar de táticos, não só no sentido de obediência aos esquemas de posicionamento e movimentação estereotipados, mas, principalmente, em relação às situações nas quais seja preciso discriminar ou tomar uma decisão com rapidez². Riera (1995), e posteriormente Garganta (2001), salientam a importância da tática ao afirmarem que ela é o elemento central dos esportes de oposição (quando a disputa envolve adversários cujos comportamentos influenciam e são influenciados diretamente pelos comportamentos do atleta ou do seu time no mesmo *locus* temporal e espacial). Se não se consegue obter tais comportamentos no treino como conseguir que eles sejam emitidos logo nos jogos?

Finalizando, podemos perceber contradições no futebol, tanto no que refere aos que jogam, quanto aqueles que preparam estes primeiros e também, nos que divulgam e vendem o produto “futebol brasileiro”. Dizer que “o mais importante é competir” é um disfarce para as reais intenções dos que estão envolvidos. Como analistas do comportamento, não podemos deixar de considerar que tanto o relato verbal quanto os

² Skinner (1953), ao discorrer sobre o conceito de discriminação, afirma que: “Descrevemos a contingência dizendo que um estímulo é a ocasião na qual uma resposta é seguida por um reforço” (pp.113).

Neste sentido, as circunstâncias antecedentes controlam o comportamento na medida em que alteram a probabilidade de sua emissão, já que o reforçamento ocorreu sob estas circunstâncias. Contudo, comportamentos de tomar decisão somente podem ocorrer perante, pelo menos, dois cursos de ação dos quais um precisa ser escolhido para ser seguido. É como se houvessem dois caminhos que pudessem produzir o reforçador, e a decisão consistiria justamente em identificar aquele com maiores chances de sucessos, cuja escolha seja sinalizada por maiores probabilidades de obtenção do reforçador.

repertórios comportamentais não verbais, os quais supostamente estão relacionados, podem ou não estar sob controle das mesmas conseqüências (Pergher e Sadi, 2003). É preciso, antes de acreditar, analisar a correspondência entre o dizer e o fazer, comparando um com o outro para então concluirmos se há ou não coerência. Alguns sinais recentes como a CPI do Futebol, no Congresso e no Senado Nacional, e o Estatuto do Torcedor, podem indicar tentativas de transformação da cultura e conseqüentemente da prática do futebol. Como afirma Todorov (1987) pode-se tratar de uma metacontingência tecnológica: é bom para todo mundo a médio e longo prazo.

Referências bibliográficas

- DAMATTA, R. (1994). Antropologia do Óbvio. Dossiê Futebol, n. 22, pp. 10-17, jun.-ago.
- CALDAS, W. (1994). Aspectos Sociopolíticos do Futebol Brasileiro. Dossiê Futebol, n. 22, pp. 40-49, jun.-ago.
- GARGANTA, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos: revisão acerca da análise do jogo. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 1(1): 57-64.
- PERGHER, N. K. e SADI, H. M. (2003). Verdade e mentira sob o ponto de vista da análise do comportamento. Ciência do Comportamento: aprender e transformar, vol.3, In. Hérika de Mesquita Sadi e Nely Castro (org.), Esetec, Santo André/SP, no prelo.
- RIERA, J.R.(1995). Análisis de la táctica deportiva. Apunts: Educación Física y Deportes, 40, 47-60.
- SKINNER, B. F.(1953/1989). Ciência e Comportamento Humano. Tradução de João Carlos Todorov e Rodolpho Azzi, Ed. Martins Fontes, São Paulo/SP.

TODOROV, J. C. (1987). A constituição como metacontingência. Psicologia, ciência e profissão, ano 7, nº1, pp. 09-13.